



EDUCAÇÃO E MODERNIZAÇÃO: ANÍSIO TEIXEIRA E OS ESTUDOS DE COMUNIDADES NAS DÉCADAS DE 1940 E 1950

Lívia Diana Rocha Magalhães¹
Maria Cristina Nunes Cabral²
Daniela Moura Rocha de Souza³
(UESB)

Resumo

No presente texto, situaremos os estudos de comunidade, desenvolvidos em cidades pequenas, vilas e bairros, que foram retomados durante a pesquisa sobre o Programa de Pesquisas Sociais no Estado da Bahia-Columbia University, a qual está sendo realizada por uma rede de pesquisa formada pelo Histdebr/Unicamp, Museu Pedagógico/UESB, entre outras. Nesse percurso, nos deparamos com referências importantes aos estudos de comunidade na educação no Boletim do CBPE (Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais) de 1956 a 1959 e consideramos importante reapresentá-los, com o intuito de retomarmos as suas abordagens e verificarmos os seus propósitos no passado, principalmente quanto a relação educação, cultura local e nacional, mas sobretudo considerando que na literatura da História da Educação, ainda há pouca ou nenhuma referência a esses trabalhos, que todavia ainda carecem de ser melhor estudados e analisados frente às suas repercussões, referências, mas também esquecimentos ao longo do tempo.

Palavras-chave: Anísio Teixeira. Educação. Estudos de Comunidade

Anísio Teixeira (1994) foi um defensor incontestado da regionalização da educação, enfatizando que caberia a cada unidade federada e cada unidade de ensino trabalhar de forma contextualizada em sua comunidade, por meio de uma escola harmônica, uma escola fundamental de educação comum, diversificada de acordo com a região, “comum não pela sua uniformidade, mas pela sua equivalência” (TEIXEIRA, 1996, p. 63).

¹ Doutora em Educação pela UNICAMP com Pós-Doutorado em Psicologia Social na UERJ com estágio na Universidade Complutense de Madri (UCM-ES). Professora Plena do DFCH da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Coordenadora Geral do Museu Pedagógico da UESB e Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade pela UESB. Coordenadora do projeto Revistando o projeto *Columbia University*. lrochamagalhaes@gmail.com

² Mestranda em Memória: Linguagem e Sociedade pela UESB, especialista em Fundamentos Sociais e Políticos da Educação – MP-UESB, membro do Museu Pedagógico da UESB. cabralcris19@yahoo.com.br

³ Doutoranda em Educação pela UNICAMP, Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela UESB, membro do Museu Pedagógico da UESB e do HISTEDBR. danyopera@yahoo.com.br





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Na verdade, como já é sabido, Anísio Teixeira defendia uma educação de base nacional, mais em consonância com a realidade local/regional, considerando que as decisões que respeitam o particular, o específico dos envolvidos tendem a ser mais democráticas (BUFFA, 1997).

Destarte, é interessante observar, que os chamados estudos de comunidade na educação realizados no Brasil, praticamente não explicitados na maioria da literatura, principalmente nos manuais de História da Educação, e necessitam, ainda, serem retomados. Durante a revisita ao Programa de Pesquisas Sociais no Estado da Bahia-Colúmbia University, que está sendo realizada por uma rede de pesquisa constituída pelo HISTEDBR/UNICAMP, Museu Pedagógico/UESB, PUC/SP e UNEB, nos deparamos com os referidos estudos e consideramos importante reapresentá-los, com o intuito de retomarmos as suas abordagens e verificarmos o seus propósitos no passado, principalmente considerando sua atualidade em suas mudanças, ainda continuadas no presente histórico. Nesse texto, reapresentamos leituras secundárias já realizadas e publicadas por volta dos anos de 1950, particularmente no Boletim do CBPE.

Os Estudos de Comunidade e Educação

Durante o seu mandato de Secretário da Educação na Bahia (1946-1950), Anísio Teixeira, imbuído do ideal de relacionar educação com as mudanças sociais, observando a unidade e a diversidade das chamadas comunidades modernas e tradicionais e os problemas de desenvolvimento enfrentados pelo Estado, organizou um programa, em convênio com a Universidade de Columbia nos EUA para a realização de estudos de comunidade. O Programa denominado “Pesquisas Sociais - *Columbia University*”, desenvolveu estudos de comunidade em três zonas ecológicas o Recôncavo, a Chapada Diamantina e o Sertão, tendo como objetivo investigar o desenvolvimento dessas regiões frente às mudanças sociais pelas quais o país passava naquele momento.

Depois da Secretária de Educação e Saúde da Bahia, Anísio Teixeira assumiu o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (1952-1964) e criou o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) (1955) continuando de certo modo o seu projeto iniciado na Bahia, quando reuniu educadores e cientistas sociais, com o objetivo de desenvolver pesquisas sobre educação, que pudessem subsidiar as políticas públicas na área de educação do país.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Dentre os estudos originários do programa desenvolvido na Bahia e pelo CBPE, vamos encontrar, o de Willems (1945), Pierson (1947-1948), Wagley (1947), Willems e Gioconda (1947), Hutchinson (1950 - 1951) Harris (1951). Willems (1948), Consorte (1956 - 1959) .

Willems estudou a comunidade de Cunha, no Nordeste do Estado de São Paulo, visou analisar os impactos da industrialização em uma comunidade essencialmente rural, Donald Pierson estudou a comunidade de Cruz das Almas no interior de São Paulo. A pesquisa tomou como amostra o modo de vida predominante no Brasil rural da época, Wagley, estudou o modo de vida do povo da região amazônica, tendo como foco o motivo da pobreza e atraso de “Itá”; Willems e Gioconda sobre a descoberta dos padrões culturais básicos da ilha de Búzios, no litoral de São Paulo; a pesquisa de Hutchinson sobre a Vila do Recôncavo, consistiu em uma análise descritiva de uma comunidade açucareira no Nordeste Brasileiro; Harris analisou o rural e o urbano em Minas Velhas, na região montanhosa central do Estado da Bahia; Galvão estudou a relação com o sobrenatural na mesma comunidade estudada por Wagley, ou seja, “Itá” e Consorte (1956 - 1959) estudou a “Escolha do magistério público primário como profissão no Distrito Federal”, “Sobre os objetivos da escola primária – opinião de um grupo de professores do Distrito Federal” e “A criança favelada e a Escola Pública”(CONSORTE, 1956, MELLATI, 1983)

Esses estudos se configuraram em uma modalidade de pesquisa na qual a vida social de determinada comunidade foi minuciosamente detalhada em seus aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais, como também poderiam servir de comparação e verificação sobre seus atrasos ou problema de desenvolvimento em relação a outras comunidades, como por exemplo, porque determinadas localidades de várias regiões não se modernizarem como outras. Em outras palavras:

Sendo a comunidade o pano de fundo em que se desenrolam os processos sociais sob investigação, os Estudos de Comunidade possuem caráter descritivo e abrangente, em que a necessidade de coleta de diversos dados para a compreensão da configuração da estrutura social como um todo é um princípio metodológico (OLIVEIRA, 2011, p. 1).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Com relação aos estudos realizados no Brasil e voltados mais especificamente para a educação, vamos observar que a maioria deles focaram-se em cidade pequenas, vilas, bairros para os estudos da integração entre a escola e a comunidade.

Vejam os dentre estes, aqueles relatados por Consorte (1956-1959) e que de alguma maneira focaram a escola nos contextos sociais e culturais estudados. Cabe observar, que somente alguns deles, tomaram de forma mais direta essa relação e constataram uma distancia entre conhecimento e realidade local, e dentro de suas especificidades, quase todos os estudos constataram que a escola, seus conteúdos e organização, estavam longe de muitos aspectos da sua comunidade.

Sintetizemos alguns dos destaques levantados por Consorte (1956) acerca das pesquisas: Hutchinson (1951), ao estudar a educação na Vila do Recôncavo identificou o desconhecimento da população, inclusive que freqüentou ou freqüentava a escola, a respeito da história local, embora fosse uma área com muitas ruínas que revelavam o seu passado, a população desconhecia o mesmo. Além disso, ressaltou que a população urbana depreciava as pessoas das zonas rurais circunvizinhas, menosprezando-as. Para o autor uma das explicações pode estar no fato de haverem professoras de outras localidades atuando naquela cidade, pois as mesmas depreciavam a cultura da local em que trabalhavam e alguns moradores, como os pescadores.

Marvin Harris (1951), que estudou Minas Velhas (hoje Rio de Contas) na Bahia, também destacou, entre outros aspectos, o desconhecimento da população com relação à história local de origem mineradora, que acabava aparecendo, na visão dos moradores, de forma lendária. Além disso, ressaltou que a população demonstrava desconhecer as áreas circunvizinhas e possuía preconceito negativo com relação às zonas rurais, evidenciando que mesmo os que tiveram acesso à escola, desconheciam aspectos da própria comunidade. Mas destaca que nessa comunidade, naquele momento histórico, “ser alfabetizado e letrado”, se tornava, muitas vezes, quase alguma coisa sobrenatural, dado a escassez de pessoas que estudaram:

[...] A educação permite, em primeiro lugar, o que é considerado, mais importante, o domínio de uma língua. [...] A educação procura aproximar a pessoa das complexidades do Português escrito que difere profundamente da língua da pessoa comum. [...] A familiaridade com palavras pouco comuns e formas gramaticais eruditas confere automaticamente um ar de distinção a quem as usa





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

e lhe assegura o silêncio e o respeito os ignorantes, ricos e pobres [...] A tal ponto de haver uma transposição de valores, crenças no sobrenatural para explicar o processo de aquisição da escrita como uma “conquista de caráter mágico” gerando poder e domínio de quem havia dominado a escrita sobre outros. (HARRIS apud CONSORTE, 1956, p. 81).

Já em Cruz das Almas, São Paulo, a pesquisa de Pierson (1947-1948) demonstrou que a escola pouco modificou os hábitos daqueles que tiveram acesso a ela, uma vez que os mesmos mantinham os hábitos de uma linguagem “caipira”. Mesmo quando os estudantes sabiam o padrão da norma culta, quando falavam, usavam a linguagem cotidiana o que se devia ao fato de os professores ensinarem a escrita oficial da língua e não se preocuparem com a sua pronúncia correta. Algo semelhante ocorria em relação à aprendizagem dos hábitos corretos de higiene. O aluno teoricamente sabia como deveria proceder para manter a higiene, entretanto, quando chegava em casa tais conhecimentos não eram colocados em prática, em decorrência da carência de recursos (escassez d’água e pobreza) e, até mesmo, da colaboração dos adultos para o cuidado das crianças fora da escola. (CONSORTE, 1956).

Williems, destaca que há diferentes expectativas sobre a escola, conforme as origens sociais dos seus alunos e, ainda, com relação a alunos da zona urbana e da zona rural, em outras palavras: “Na roça, diz Williams, muitos pais consideram a escola uma inutilidade, mas na cidade recorrem a ela para prender a criança porque a mãe não pode mais com ele”, ou seja, “A escola não consegue, pois, interessar às populações rurais de Cunha além de ensinar a ler, escrever e contar [...]” (WILLIEMS apud CONSORTE, 1956, p.87)

Estes estudos também revelaram estereótipos quanto aos índios no estudo realizado no Amazonas por Wagley e Galvão e catingueiros na Vila do Recôncavo na pesquisa de Hutchinson; no estudo sobre o negro, em minas velhas, pesquisa de Harris, bem como, exclusão das crianças da escola por falta de condições de apresentar-se de acordo com suas normas, como por exemplo, com “fardamento escolar” etc., como é destacado na pesquisa realizada por Williams, na comunidade de Cunha (CONSORTE, 1956).

Mais tarde, entre os anos de 1950 e 1960 no CPEBE, estudos de comunidade foram instalados, como os das “cidades-laboratório” elaborados por Darcy Ribeiro e sob sua direção e de Oracy Nogueira (MELATTI, 1963).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Dentre estes estudos, encontra-se a pesquisa de Consorte (1959) que trata da “Criança favelada e a escola pública” no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, visando “a análise de uma parcela dos problemas que estas populações encaram em seu processo de acomodação”(p.45). A pesquisa foi realizada em um dos bairros da zona Norte, no Bairro de Vila Izabel que sofrera “mudanças consideráveis no tamanho e composição de sua população pelo aparecimento, em sua vizinhança, de uma favela” (CONSORTE, 1959, p. 46). Enfim, tratava-se de um estudo sobre os “problemas de ajustamento da criança favelada a uma das instituições da sociedade urbana – a escola pública elementar” (CONSORTE, 1959, p. 45-46).

Segundo a pesquisadora, essas crianças eram marginalizadas pelo próprio estabelecimento de ensino, pelas professoras (que descontentes com a realidade não ficavam na escola, obrigando o aluno a lidar com uma grande rotatividade de professoras durante o ano letivo); pela direção, pelos colegas de camadas médias (que estavam inseridas nesse contexto da pesquisa). E ela verificou que na maioria das vezes, as crianças faveladas não contavam com nenhuma ajuda escolar e a escola seletiva implantava um programa educacional planejado para determinado tipo de aluno que se diferenciava da criança de camada menos favorecida. Esta por sua vez, estaria longe de corresponder ao esperado, resultando, dentre outras coisas, na evasão da escola por parte, sobretudo, das crianças faveladas.

A autora constatou também, que não havia escolas suficientes para todos; as vagas eram restritas e não acompanhavam o incremento demográfico, assim, como as crianças faveladas geralmente davam mais trabalhos aos professores por questões de repetência, evasão, baixo rendimento etc., não havia um esforço por parte da direção e professores das escolas em matricular esses alunos alegando não haver vaga.

Ainda segundo Consorte (1959), essa realidade resultava em uma defasagem já na fase inicial do ensino para essas crianças, que chegavam ao ensino elementar sem ter acompanhado o percurso das primeiras letras. Na escola pesquisada, não se observou incentivo para que elas desenhasssem, manuseassem brinquedos, lessem livros etc. Considerando que seus pais geralmente possuíam baixo nível de instrução, eles não reivindicavam um ensino diferente para seus filhos, dessa forma, as dificuldades só foram se acentuando e as oportunidades para o





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

desenvolvimento de habilidades, inclusive na linguagem, cada vez mais ausentes, criaram grandes barreiras na comunicação e na aprendizagem.

Desse modo, Consorte (1959) concluiu que as crianças faveladas, já em finais da década de 1950, estavam longe de corresponder aos ideais da escola pública e primária defendidas por Anísio Teixeira, devido a uma série de situações que terminaram culminando no abandono da escola, em decorrência de fatores familiares, barreiras encontradas na organização escolar excludente, da dificuldade de familiarização com o ambiente escolar, com a comunicação e aprendizagem, o que provocou, por sua vez, descontentamento em todas as partes: família, escola, alunos, e uma esfera acabou por responsabilizar a outra pelo insucesso sem que nenhuma assumisse de fato a responsabilidade.

Em outro estudo (1958) sobre os objetivos da escola primária – opinião de um grupo de professores do Distrito Federal (Rio de Janeiro), Consorte realiza entrevistas com 15 professoras e ressalta que:

Um dos grupos de professoras, composto por cinco professoras, percebe como objetivo da educação formar integralmente o aluno: moral, intelectual, social e cívico; seis professoras, via a escola primária como uma escola para o povo e, portanto, consideravam que se foco deveria ser a leitura e escrita; e o terceiro grupo, considerava a escola primária como uma etapa preparatória para o ginásio e que no subúrbio, esse é o único grau de ensino acessível a esse público.

Entretanto, as professoras revelaram que consideram que a escola não tem conseguido atingir os seus objetivos, sobretudo pela falta de uma organicidade entre pensamento e ação dos professores. Afirmam também que a escola sequer tem conseguido provocar o interesse dos alunos, e um dos fatores apontados é o excesso de matérias e obrigações. Ainda consideram que o fracasso escolar dos discentes está relacionado ao meio de onde provém, uma vez que o trabalho da escola acaba sendo desconstruído no ambiente familiar.

Boa parte das professoras culpam as crianças e sua origem pelo insucesso, uma vez que acreditam que, mesmo com turmas numerosas, se as crianças fossem “boas e bem dotadas”, conseguiriam um bom resultado.

Com base no relato das professoras a autora conclui, primeiramente, que há divergências de opinião a respeito dos objetivos da escola bem como sobre as causas do fracasso escolar. Para





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

a pesquisadora, a escola não acompanhou os avanços pelo qual a sociedade vem passando, e que a velha metodologia e os velhos conteúdos já não atendem as novas demandas da sociedade que surge. Além disso, ressalta que foi possível perceber a postura preconceituosa das professoras, fruto do abismo social que as separa de seus alunos.

E na pesquisa “Escolha do magistério público primário como profissão no Distrito Federal”, Consorte (1958) destaca que havia uma grande aceitação social do exercício do magistério naquele período, sendo uma profissão majoritariamente feminina. Dentre as vantagens reconhecidas como válidas para a profissão, estava o *status* social de ser professora e o fato de sua contribuição para a formação de consciências ser útil à sociedade. Dentre as desvantagens apresentadas estavam, o desgaste físico, a má remuneração, escolas afastadas etc.

Segundo a pesquisadora, o magistério primário feminino gozava de grande prestígio e que estava consoante com as camadas sociais das quais as professoras eram oriundas: camadas médias, que se sustentavam em valores tradicionais da mulher no ambiente familiar e de trabalho entre outros.

Como podemos verificar acima, tudo indica que os estudos de comunidade pretendiam obter uma visão geral da sociedade brasileira, através da revelação das suas singularidades, visando um planejamento prévio que levasse em consideração as peculiaridades de cada localidade, no intuito tanto de gerar, nos agentes de mudança, uma atitude mais compreensiva acerca das populações com as quais lidavam, quanto de aumentar a eficácia das transformações (NOGUEIRA, 1955 apud MILETTI, 1963).

Considerações Finais

Se há várias análises sobre as suas contribuições, também há várias críticas, dentre as quais o fato de “que não enfrentam a realidade social como processo, a não ser nuns poucos exemplos” ou pelo “desprezo pelas relações da comunidade estudada com a sociedade mais ampla, tratando-a artificialmente como uma totalidade isolada, fazendo o pesquisador perder de vista certas conexões fundamentais” (NOGUEIRA, 1955 apud MILETTI, 1963, p.98).





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Mas, são estudos que, guardadas as suas especificidades históricas, são bastante elucidativos, quando observamos as deficiências educacionais em bairros, regiões de periferias, estados, até a atualidade, sem que haja um juízo crítico dialético sobre o Estado brasileiro e suas ações.

Mas, os estudos de comunidade, tomando como base a educação, ainda carecem de ser localizados e estudados, considerando que a imbricação entre Estado, Educação e Sociedade, investimentos e pesquisa, se fizeram presentes nestes trabalhos, no intuito de tornar a escola mediadora entre a cultura local e nacional. Estudos que ainda não foram suficientemente debatidos, inclusive considerando que o debate escola privada e pública se tornou o centro de nossa atenção naquele momento, mas a escola pública ainda continuava pouco revelada por dentro, como demonstram os estudos acima.

REFERÊNCIAS

BUFFA, Ester. **A Educação Negada**: Introdução ao Estudo da Educação Brasileira Contemporânea/ - Paulo Nosella. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997 – (coleção biblioteca da educação. Serie 1. escola; V. 17).

CONSORTE, Josildeth Gomes. A educação nos estudos de comunidades no Brasil In: Educação e ciências Sociais. **Boletim do CBPE**. Rio de Janeiro, 1956, Vol. 1, nº 2.

_____. A criança favelada e a Escola Pública. In: Educação e Ciências. **Boletim do CBPE**. Rio de Janeiro, 1959, vol. 05, n.11.

_____. Escolha do magistério público primário como profissão no Distrito Federal. In: Educação e Ciências. **Boletim do CBPE**. Rio de Janeiro, 1957, vol 02, n.06.

MELATTI, Julio Cezar. A Antropologia no Brasil: um roteiro. In: **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: ANPOCS, 1983. n. 17. Disponível em: <http://www.juliomelatti.pro.br/artigos/a-roteir.htm>. Acesso em: 20/04/12.

OLIVEIRA, Nemuel da Silva; MAIO, Marcos Chor. Estudos de Comunidade e Ciências Sociais no Brasil. In: **Revista Sociedade e Estado**. Brasília: Scielo, vol.26. n.3, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269922011000300006&lang=pt. Acesso em: 14/04/2012.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. **Educação e o mundo moderno**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1977.

_____. **Educação não é privilégio**. 5. ed. Rio de Janeiro, 1994.

_____. **Educação é um direito**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

_____. **O Ensino no Estado da Bahia**. Salvador, 2001.

